

Na madrugada, surpresa de uns, medo de outros, enquanto a cidade mal dormia à espera da despedida. E Tancredo, por quem alguns ainda rezavam, passava a ser um pai, um irmão, uma saudade.

“Eu queria o Tancredo!”

I
O vento vinha dos lados da Praça da República e caía direto sobre o foguinho na escadaria do prédio antigo. Ricardo ficava catando piolhos, fungando o nariz. O pretinho Sérgio quebrava mais um pedaço de madeira. Carlos Alberto estava deitado no chão, fruindo aquele tanto de calor. Frio brabo aquele da madrugada, para meninos de oito anos como o Ricardo, nove como o Sérgio ou quatorze como Carlos Alberto — o jeito era esconder-se na escadaria da velha escola Caetano de Campos, hoje uma repartição do Estado, a Secretaria de Educação.

II
Surpresa!
Mal conhecem ou não conhecem os pais, e gostam de fugir de casa. Só Carlos Alberto vai à escola, e ainda assim cabula aula tanto que pode. A vida é vagabundear pelo centro, mas ontem conversavam assim:
— Eu ouvi um cara magro gritar ali perto do Bob's: o presidente morreu!
— Puxa! (diz Carlos Alberto) — Ouvi falar que ele ia ser bom, que ia melhorar a condição do menor abandonado, não queria que ele morresse.
— Eu não conheço ele, diz Sérgio, o pretinho.

Carlos Alberto é o chefe da turminha, a mãe é costureira, e ele diz que vai voltar para casa, e pra escola. Mas como gosta de acender esta fogueirinha — melhor do que andar no frio. Ricardo diz que volta também, Sérgio não sabe para onde voltar, nem sabe de quem estão falando.
— Quem é que vai ser presidente? — pergunta Carlos Alberto.
— Sarney — responde um homem.
— Mas eu queria o Tancredo!

III
Repetição
Armando estava quase dormindo no táxi.

xi. Naquela madrugada fria da Ipiranga havia pouca gente. De vez em quando passava alguém e falava da morte do presidente. Um ou outro ainda falava do tal tiro. Armando não acreditava no tiro. Pensava no pai, no velho Armando, desenganado no hospital. Tinha a idade do presidente. Abriram o pai e fecharam: era um câncer brabo. Gozado, ele pensava. Aquilo tudo era tão real, tão próximo. Parecia que o pai estava morrendo de novo.

IV
Os fregueses que chegavam no La Farina viam que o velho Carmine, o porteiro, estava comovido. Se alguém perguntava o que era, o velho Carmine se perfilava e botava a mão no coração.

— Ó, meu senhor, sinto como a morte do meu pai. Queria botar luto, luto eu botaria, mas tenho de usar a camisa branca, é minha profissão. Me dói muito, nem vou jantar. Vai acabar meu cigarro, e não fumo mais esta noite. Meu luto é este: não fumo mais, não bebo mais.
Passa um amigo, Giovanni Galichio, porteiro do Expresso Luxo. Giovanni gesticula, atrapalhado no seu português italianado.
— Sono italiano mas ficou com dori, dori com a morti deli. Um italiano de Benevento sofreu como brasileiro nesta hora. Olhi senhori, olhi. Quelquono qui passa estão tuto aborrecido.

O velho Carmine ofereceu o restaurante para ser fotografado pelo jornal. Entra, fala com alguém e volta, meio chateado.
— Falei com o chefe do salão e ele disse que eu falei pelo sentimento de todos. Mas não acha bom fazer fotos no restaurante. Ah, se Deus nos desse um outro Tancredo, nem que fosse o filho dele.

V
Será?
Nelson Otaviane, outro senhor que pas-

sava pela Ipiranga, ouviu o que disse Carline, e disse: “Pelo jeito, perdemos um bom companheiro. Mas Deus quis assim”.
Na esquina com a São João, Rogério passeia com sua filha Potiara, uma menina bem pequena, e são duas horas da manhã, ou mais.

— Umas pessoas passavam em carro, indo para a frente do Instituto do Coração, buzinavam, gritavam: “Tancredo morreu”.
Rogério se diz boêmio, cantou tangos, fez filmes com Mazaropi.
— Sou filho de militar e detesto militarismo. Será que os militaristas vão voltar?

VI
Machucado
Vestido formalmente, um grupo de rapazes bebe cerveja no balcão. Estavam na feira UD, no Anhembi, e um deles dizia assim para os outros:
— Estou machucado com o que aconteceu com ele. Me deu um branco na hora que o Brito falou...Joguei bola lá no Rio Grande, no Caxias, no Juventude, e morava na Tristeza, em Porto Alegre. A Tristeza é um bairro bonito perto do Guaíba e eu cansei de tomar cerveja com o Brito. Ai o Brito veio e falou aquilo. Tive um branco na cabeça e um arrepio na espinha. O Brito me derrubou. Mas tudo continua, continua. Ele uniu os brasileiros.

VII
Agora
Uns PMs ali perto estavam encostados no carro policial. Diziam assim: e agora? Estavam tão acostumados com o homem! Todos os dias, todas as horas, a central da Polícia Militar passava informações para eles. Sabiam que se morresse, todos deveriam correr para o seu quartel. Era a prontidão. O homem morreu. E agora?

E agora? “A gente não queria isto”, falava baixo Sérgio Antônio, rapaz interiorano, que mal dorme, porque tem dois empregos. Vendia amendoim para um, churros para outro, caprichando no doce de leite, e não se conformava. “Pra nós é triste, por que tinha que ser assim?”

Paulo, um policial, comentava com seus amigos, num balcão de bar:
— Um capitão já tinha me dito que a morte do presidente seria comunicada no dia de Tiradentes. Mas que adianta a gente ficar investigando esta história? O certo é que mineiro não só trabalha em silêncio, como morre em silêncio, e é sepultado em silêncio.

E o engraxate Antônio Gaudino vai passar a noite sentada na cadeira em que trabalha, porque mora longe e acha que o dia seguinte vai ter muito movimento pela cidade. Quer pegar os primeiros cidadãos que vão engraxar o sapato, no dia de levar o presidente embora. “A gente esperava tanto dele!”

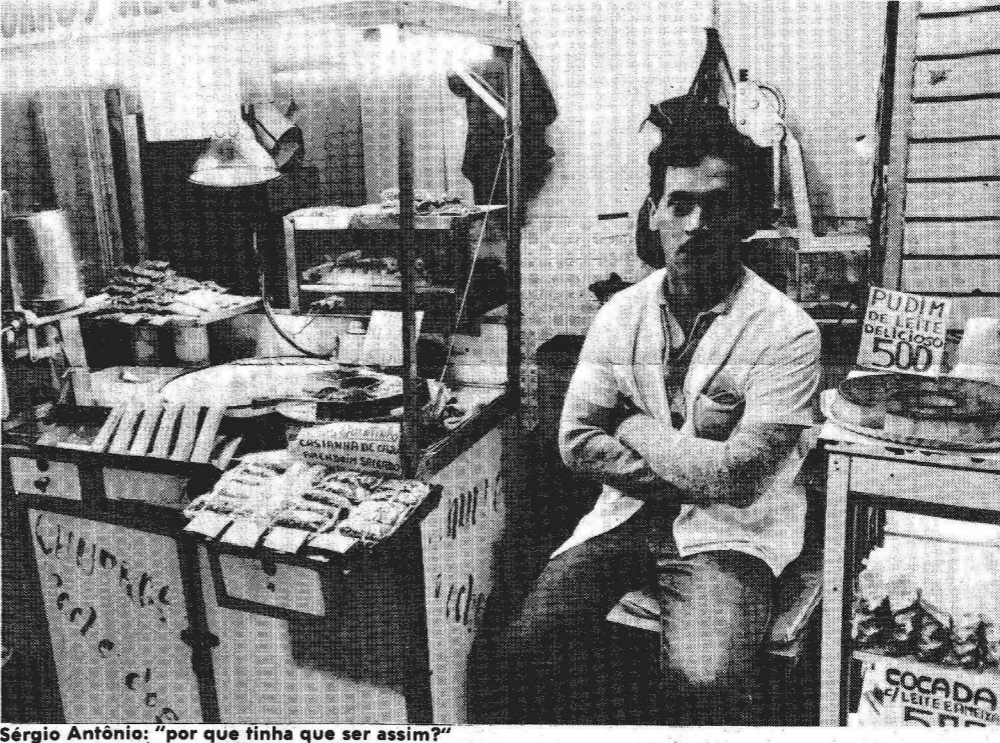
VIII
Apostas
Ai, veio a manhãzinha e os bilheteiros e coladores de cascolac começaram a aparecer na praça da Sé. Há dezenas de anos que os bilheteiros se reúnem ali para pegar os bilhetes, são centenas deles num canto da praça. Ultimamente, sentiam que ninguém queria apostar, que ninguém queria brincar com sorte e azar numa situação daquelas.
— Estou aborrecido, esperava que ele melhorasse — dizia um bilheteiro.
A Loteria de Tiradentes não vendeu nada. E o bilhete que pegaram ontem pode vender? Uma correria na praça da Sé. Os PMs pegaram um ladrão; pegam, batem, enfiam num carro, acham que o dia vai ser danado. O povo inteiro distraído porque morreu o presidente.

IX
Inscrições
Umas pessoas vão para a catedral e pisam em cima de umas inscrições em calça quase apagadas pelas chuvas:
— O Senhor! Todo-poderoso, de amor e bondade. Enviai, Senhor, os médicos do mais alto céu para meu irmão Tancredo de Almeida Neves. Eces encontrem e eliminem todas as bactérias e micróbios infecciosos si for mesmo doença. Si for anjos ou espíritos maus, mandai, Senhor, para o Mar Salgado.

X
Voltar
E, na catedral, um senhor de 72 anos fala com Deus. Não teve sorte, não casou. É funcionário aposentado. Passou pelo catolicismo, pelo espiritismo, pela religião crente; quer ser um “cristão”.
Orava na Catedral por Tancredo mas sabe que os crentes não gostariam que estivesse ali. “O crente não ora pela alma, só pelo corpo”, diz. “Mas eu rezarei pela alma dele, eternamente. Tenho meu livre-arbítrio. Ele passou por uma provação, e os espíritos sabem por que um homem passa por uma provação. (Seu J... começa a chorar). Tenho 72 anos, quase a idade dele. Mas sei que ele irá para a casa de Deus, e a casa de Deus é muito bonita. O senhor lêia na Bíblia, ali fala de como é bela a casa de Deus. É mais bela que qualquer castelo da terra. “Deus, o leve para uma de Suas Casas! Leve meu irmão Tancredo que tem uma alma maravilhosa, imortal. Tancredo Neves acabou, mas aquela alma inabalável viverá. Além disso, ele poderá reencarnar novamente. Ele poderá voltar, numa outra vida, e ser presidente. Poderá.”



Carlos Alberto, Ricardo e Serginho: ainda mais orfãos.



Sérgio Antônio: “por que tinha que ser assim?”



A comocão do porteiro Carmine

Olhos molhados, muito silêncio. Não se ouvia ninguém falar alto, as gargalhadas foram momentaneamente suprimidas, até o assobio distraído esteve esquecido ontem pela manhã no quase deserto centro da cidade. Nos bairros também, como nas Perdizes, Sumaré, Santa Cecília, Higienópolis, um mínimo de movimento, a dificuldade quase que absoluta de se tomar um táxi. Ônibus e trólebus funcionando em regime de feriado, isto é, com menos veículos e viagens mais espaçadas.
Poucos passageiros. As nove da manhã no trólebus Perdizes-Largo Machado de Assis, o trocador tem olhos vermelhos que limpa de vez em quando na manga da camisa. O motorista ouve um radinho, informa-se de que no Incor tudo está preparado para a viagem do presidente morto. Balança a cabeça, não faz nenhum comentário, dá a partida. Apenas dois passageiros, olhos baixos, sem palavras.

tanto, tinha tanta esperança, fez tanta força... E agora tudo acaba assim. Vou descansar um pouco aqui e depois volto pra casa, hoje não tem trabalho”. Um pouco na frente, um queixoso: “Acho que é uma coisa péssima para o Brasil. No meu caso particular é ruim demais: moro em Ribeirão Preto, cheguei aqui de madrugada para acertar uns negócios, porque sou vendedor, e vou perder o dia e perder dinheiro”.
No viaduto do Chá as pessoas encostam-se no parapeito, olham o mesmo vale do Anhangabaú que ano passado abrigou mais de um milhão de paulistas ouvindo e aplaudindo Tancredo. Alguns contemplam o luminoso em frente aos Correios. Nele, o rosto amado e a frase: “Obrigado, Tancredo”. Isto é suficiente para que dona Maria de Lourdes comece a chorar, abraçada a seu filho de 14 anos: “É muito triste, pior até do que morrer uma pessoa da família da gente”.
Pouco movimento na rua Direita. Mesmo assim, um camelô tenta atrair os passantes: “Aproveitem, meia-calça

O dia em que a cidade perdeu o sorriso
a mil, meia-calça é só mil!” Ninguém presta atenção, alguns ainda se indignam: “ssshhhhhhh!” Na praça da Sé, movimento maior. Logo na entrada, um vendedor de certo pó milagroso tenta levantar o ânimo da platéia, faz uma série de piadas e trocadilhos de óbvio sentido erótico, que arrancaria gargalhada vibrantes em qualquer outra manhã. Consegue no máximo sorrisos, embora ganhe atenção. Os capoeiristas tentam golpes audaciosos, acrobáticos, mas seu tocador de berimbau bate apenas à meia-força, o som é abafado, o turno, os espectadores participam apenas discretamente. “É, hoje tá danado,

o pessoal não quer nem tomar café”, constata Salete, que com duas imensas garrafas térmicas faz ponto na praça.
Um bolo, discussão política: Antônio José da Silva, “um técnico”, fala para um grupo sobre “o futuro, nossa atenção e preocupação de agora, que é continuar juntos e dar todo apoio a Sarney, que eu acho um homem leal”. Anselmo, que depois pedirá para tirar seu nome, um mulato magro e alto, interfere: “Ó, repórter, escreve aí que pra mim o homem já tava morto há vários dias, acho que estão enganando a gente”. Mais à frente Ademar Gonçalves, “engraxate e poeta popular”, mostra recortes com suas poesias, entre os quais um acróstico com cada frase iniciada por uma letra do nome de Tancredo. “Olha, vou fazer aqui, de improviso, uma poesia exclusiva pro seu jornal: Meu coração se acha enfermo/Meu Deus, amargurado e penitente/Triste e obstinado/ Com a falta desse presidente./ O povo se acha de luto/Triste em seu espírito/Nos seus corações e seu ser/Com a falta desse presidente/Que

facilitava nosso viver. Esse presidente é tão nobre/Que capacidade competente/Com a morte dele o País se acha/De luto para sempre.” Começa a soluçar alto, imediatamente se reprime, dá um tapa no próprio rosto: “Para Ademar, se controla homem!”
Lojas fechadas, bares fechados, uma fila na porta que vende sanduíches de rosbfite, com um cheiro muito forte: “Eêêê, Tancredo, Tancredo, até depois de morto ele tá adiantando a minha vida”, agradece o vendedor, suado pelo calor do sol e pela geladeira.
Na praça Patriarca, outra senhorinha chorando: “Estou indo para a Sé, pedir a Deus por todo mundo. A gente vai precisar muito disso agora, acho que com a morte de Tancredo as coisas vão ficar muito piores”.
Na Libero Badaró, uma fila de táxis parados, sem passageiros: “Vai ser um dia ruim quem veio à cidade foi pro caminho do aeroporto. Depois volta pra casa de ônibus e fica colado na televisão, vai ser broca hoje”. O comentário é de Mário Jorge, 39 anos, “três filhos, mulher e sogra pra sustentar, sem falar do leite das crianças do dono da frota, que pra esse não tem dia ruim nem bom, ele quer o dele e pronto...”
No largo do Paissandu a igreja de N. S. dos Pretos está fechada. Um homem gordo ajoelha-se na porta, reza contritamente, chora. Hugo Biaggi, “filho de italianos, morador da Mooca”, explica: “Não vou lá no cortejo, é muita tristeza, muita confusão. Vim aqui rezar pelo Brasil porque Tancredo nem precisa, esse já virou santo pelo sofrimento, já está no céu. Quem precisa de reza somos nós, são os políticos que estão lá em cima e têm que melhorar a vida do povo”.

Na manhã deslumbrantemente luminosa e azul faltam os sons do trânsito, freadas e buzinas, estas completamente mudas. Poucos automóveis no centro, quase nenhum policial. No calçamento da Barão de Itapetininga três homens estão juntos, em torno de um radinho. Apenas ouvem, sem comentários. Num outro banco, sozinho, um jovem imóvel segura a cabeça baixa entre as mãos: “Eu nem sabia da morte até sair de casa hoje cedo, vinha pra cidade procurar trabalho, me contaram no ônibus. Agora está tudo fechado, a vida foi inútil. Mas é melhor ficar aqui do que em casa, na Vila Alpina. Pelo menos tem mais coisas que ver” — explica César, 19 anos, “meio desesperado, moço, porque estou sem trabalho há seis meses”.
Fliperamas fechados na Ipiranga e na São João, o café Jeca quase sem movimento, as bancas com pilhas de jornais, muitos em edição extra: “Até agora, vendas muito ruins. Mas também todo mundo foi pro caminho do aeroporto, fazer a despedida. Acho que quando o povo voltar vamos vender tudo, até os cartazes”, esperava Assis, numa banca da Sete de Abril com a Ipiranga.
Na praça Ramos de Azevedo, nos bancos entre o Mappin e o Municipal, mais gente sentada e desolada. Apenas olham o vazio. Uma senhora, com o braço em torno de uma sacola muito grande e cheia, enxuga os olhos: “Falar o que, meu senhor? A gente rezou

Havia mais gente nas ruas de São Paulo, para se despedir de Tancredo, do que quando o papa João Paulo II visitou a cidade. Pelos cálculos da Polícia Militar, dois milhões de pessoas saíram às ruas de São Paulo para acompanhar o cortejo.
O próprio delegado Romeu Tuma, superintendente da Polícia Federal, se julgou sem condições de calcular quanto era essa multidão, e isso serve para dar uma idéia das dificuldades do esquema de segurança montado para o trajeto compreendido entre o Instituto do Coração e o aeroporto. A massa humana não estava nos planos, apesar das sucessivas trocas de informações entre os órgãos de segurança e uma reunião, já na madrugada de ontem, com o Serviço Nacional de Informações — órgão com autoridade, no caso, para dar a palavra final sobre o itinerário.
A parte mais difícil do policiamento, ostensivo, ficou com a Polícia Militar e seu Comando de Policiamento da Capital, com a ajuda dos policiais de trânsito.

eram 2.500 homens da Polícia Militar, distribuídos por três batalhões de área, e mais um batalhão — 700 homens — do Exército. A princípio, a coordenação do policiamento imaginava que seria possível simplificar as coisas, colocando um policial a cada 50 metros. Não foi. Também se imaginou que o povo assistisse passivamente à passagem do cortejo.
As coisas foram acontecendo naturalmente, e a polícia foi cedendo aos poucos, também com naturalidade, percebendo que não haveria tumulto durante o percurso. O povo começou a correr, primeiro, paralelamente ao caminho dos bombeiros que transportava o corpo de Tancredo. Depois, o povo começou a correr atrás do caminhão. Mas, bem antes de chegar ao Ibirapuera, as pessoas corriam ao lado do caminhão, fazendo questão de tocá-lo.
Ficou claro, para o policiamento, que seria impossível manter o esquema previamente fixado; o cortejo sair às 9h30 do Instituto do Coração e o avião

presidencial decolar às 11h30 de Congonhas para Brasília. Já na avenida Brasil a multidão envolvia o caminhão que levava o corpo de Tancredo, a ponto de fazer desaparecer os automóveis que faziam parte da comitiva especial.
Os batidores da PM acabaram-se incorporando a uma caravana de motoqueiros que improvisaram uma escolta, enquanto era cada vez maior o número de pessoas que corria o tempo todo para acompanhar a comitiva. Alguns tiravam a camisa. Outros gritavam palavras de ordem. Outros cantavam.
Os policiais, quase sempre acostumados a ter contato com multidão em outras circunstâncias, também estavam emocionados. Mas tudo correu com muita calma, sem problemas. Durante todo esse trajeto, que demorou mais de duas horas, houve apenas um incidente, que a maior parte das pessoas que se quiseram participar não perceberam: um policial de trânsito, furioso porque um rapaz de motocicleta havia furado um blo-

queio de acesso, sacou sua arma e atirou. Errou e irritou algumas pessoas. Acabou refugiando-se numa perua da Operação Polo.
O segundo problema aconteceu já no interior do aeroporto. Quando a multidão percebeu que não teria acesso à pista e muito menos a oportunidade de ver o corpo de Tancredo pela última vez, teve gente que não se conformou. E forçou a entrada pelo terminal aéreo, o que causou confrontos com soldados da Polícia da Aeronáutica e quebra de vidros, guichês, caixas de correio e vitrinas, conforme o boletim de ocorrência feito no plantão do 27º Distrito Policial.
A Polícia Civil colaborou com o esquema de segurança, fornecendo homens e viaturas. Todo o plano foi traçado com bastante antecedência, sendo ativado logo em seguida à morte de Tancredo. Os homens da segurança pensaram em tudo — menos na multidão, que ninguém previu tão grande.
P.S. E.P.

E a Polícia quase nem teve problemas